



## A PSICOSFERA DO AGRONEGÓCIO: A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA COMO POSSIBILIDADE PARA O ESCLARECIMENTO E REFLEXÃO

THE AGRIBUSINESS PSYCHOSPHERE: GEOGRAPHIC EDUCATION AS A POSSIBILITY FOR CLARIFICATION AND REFLECTION

LA PSICOSFERA DEL AGRONEGOCIO: LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA COMO POSIBILIDAD DE ILUMINACIÓN Y REFLEXIÓN

**Tiago Wilian Rocha Dalmora**

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina, Brasil,  
tiagowiliamrochadalmora@gmail.com

**Resumo:** No atual período globalizado, distintos agentes organizam os territórios para atenderem suas necessidades e, nesse processo, na busca pela formulação de imaginários sociais favoráveis a seus interesses, tais agentes econômicos auxiliam a consolidação de verdadeiras Tecnosferas e Psicosferas. Dentre as regiões especializadas estão regiões em diferentes setores do agronegócio sempre amparadas e ancoradas por uma base material (técnica) e uma base imaterial (das ações), tais âncoras surgem do trabalho realizado por esses agentes que condicionam o ordenamento territorial desses subespaços, sendo uma questão da Geografia questionar e investigar a produção de tais “imaginações geográficas”. Tomando como partida isso, o presente ensaio procura realizar, como objetivo, reflexões acerca de como a educação geográfica, enquanto uma formação cidadã, pode servir como meio de esclarecimento e reflexão acerca da constituição de psicosferas em torno do Agronegócio. Para realizar esse esforço, metodologicamente, o ensaio parte de revisões bibliográficas, obtendo como resultado, primeiro, a discussão de conceitos de Psicosfera e Tecnosfera, segundo, a realização de análise de estudos já feitos sobre como se dá a consolidação de psicosferas do agronegócio em regiões especializadas, e por fim a realização de algumas análises e ponderações acerca de como a educação geográfica pode ser um caminho possível para elucidação de tais temáticas.

**Palavras-chave:** psicosfera, agronegócio, educação geográfica.



**Abstract:** In the current globalized period, different agents organize territories to meet their needs and, in this process, in the search for the formulation of social imaginaries favorable to their interests, these economic agents help the consolidation of true Technospheres and Psychospheres. Among the specialized regions are regions specialized in different sectors of agribusiness, always supported and anchored by a material base (technical) and an immaterial base (of actions), such anchors arise from the work carried out by these agents that condition the territorial ordering of these subspaces, It is a matter of geography to question and investigate the production of such “geographical imaginations”. Taking this as a starting point, the present essay seeks to reflect on how Geographic Education, as a training for citizenship, can serve as a means of clarification and reflection on the constitution of psychospheres around Agribusiness. To carry out this effort, methodologically, the essay is based on bibliographical reviews, obtaining as a result, first the discussion of concepts of Psychosphere and Technosphere, secondly, an analysis of studies already carried out on how the consolidation of agribusiness psychospheres occurs in specialized regions, and finally, carrying out some analyzes and considerations about how geographic education can be a possible path to elucidate such themes.

**Keywords:** psychosphere, agribusiness, Geographic Education.

**Resumén:** En el actual período globalizado, diferentes agentes organizan territorios para satisfacer sus necesidades y, en este proceso, en la búsqueda de la formulación de imaginarios sociales favorables a sus intereses, estos agentes económicos ayudan a la consolidación de verdaderas Tecnosferas y Psicosferas. Entre las regiones especializadas se encuentran regiones especializadas en diferentes sectores del agronegocio, siempre apoyadas y ancladas en una base material (técnica) y una base inmaterial (de acciones), dichos anclajes surgen del trabajo realizado por estos agentes que condicionan el ordenamiento territorial de estos subespacios, es una cuestión de geografía cuestionar e investigar la producción de tales “imaginaciones geográficas”. Tomando esto como punto de partida, el presente ensayo busca reflexionar sobre cómo la Educación Geográfica, como formación para la ciudadanía, puede servir como medio de clarificación y reflexión sobre la constitución de psicosferas en torno a los Agronegocios. Para llevar a cabo este esfuerzo, metodológicamente, el ensayo se basa en revisiones bibliográficas, obteniendo como resultado, primero la discusión de los conceptos de Psicosfera y Tecnosfera, segundo, un análisis de estudios ya realizados sobre cómo se da la consolidación de las psicosferas agroindustriales en los sectores especializados. regiones, y finalmente, realizar algunos análisis y consideraciones sobre cómo la educación geográfica puede ser un camino posible para dilucidar tales temas.

**Palabras-clave:** psicosfera, agronegocios, educación geográfica.

## Introdução

Quantas vezes ouve-se pelos diversos cantos do território brasileiro que determinada região apresenta uma certa vocação para o desenvolvimento dos agronegócios? Partindo desta indagação, o presente ensaio procura realizar reflexões acerca da construção de diferentes psicoferas em torno do agronegócio em regiões do território brasileiro. Ressalta-se que serão reflexões introdutórias, que buscarão entender como os diferentes agentes econômicos usam de instrumentos técnicos para a consolidação de diferentes imaginários sociais e, por fim, quais seriam as possibilidades ou mais, o papel da educação geográfica, na elucidação dessas questões.

Segundo Santos (1988, p. 8) o Espaço deve “ser considerado como um conjunto indissociável do qual participam, de um lado, um certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima ou aquilo que lhes dá vida. Isto é a sociedade em movimento”. Assim o espaço geográfico, considerado como a união de sistemas de objetos e ações, é constituído de uma esfera técnica (material) e uma esfera imaterial, das ideias, chamadas pelo autor, respectivamente de Tecnosfera e Psicofera. (SANTOS, 2017).

Ademais, Santos (1998) compreende como uma das formas de se entender e analisar o espaço geográfico, enquanto “um conjunto indissociável, solidário, e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2017, p. 63), se dá através das análises do uso do território, apreendendo como o território é usado pelos diferentes agentes que o compõem. Nesse sentido, Silveira (2011) disserta; “Assim entendido, o território é objeto de novas perguntas: como, onde, por quem, por quê, para quê o território é usado. E aí os atores aparecem, em permanente cooperação e conflito, mediados pelos objetos e revelando diferente poder no uso do território” (SILVEIRA, 2011, p. 1).

Dessa forma, o presente ensaio possui como objetivo a realização de reflexões a fim de compreender como a educação geográfica, preocupada com uma formação cidadã, torna-se um meio para a socialização e problematização de questões relacionadas a diferentes usos do território. Dentre esses usos, explora-se a constituição de psicofera do agronegócio em regiões produtivas agropecuárias.

Para tanto, fez-se necessária a leitura e análise de distintas bibliografias das quais os principais autores estão, Callai e Moraes (2017), Bezerra (2012), Corrêa (1992), Deon e Callai (2018), Kahil (2010), Massey (2017), Marques (2001), Santos, (2017; 1988; 1998; 2010; 2013;), Santos e Silveira (2016) Silveira (2011), Souza, (2018), Elias (2022).

Assim, o ensaio é organizado de forma a apresentar em suas seções reflexões, inicialmente acerca do conceito de psicosfera e como o uso corporativo do território condiciona certas imaginações geográficas, posteriormente, o texto apresenta formulações acerca da constituição de psicosferas em torno do agronegócio e, por fim, seu objetivo é refletir sobre como a educação geográfica pode ser um meio importante para a elucidação e compreensão das questões apresentadas no ensaio. É importante ressaltar que o presente texto é resultado de trabalhos e discussões decorridas durante o componente curricular de “Educação Geográfica em Diálogo” do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campi Chapecó e Erechim<sup>1</sup>.

### Considerações sobre usos do território e psicosfera

“O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável do qual participam, de um lado, um certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima ou aquilo que lhes dá vida. Isto é a sociedade em movimento” (SANTOS, 1988, p. 9).

Santos (2017) compreende como há uma interdependência entre os diversos fixos e fluxos que constituem o espaço geográfico, assim ele deve ser observado através da inter-relação entre a Tecnosfera e a Psicosfera, isto é, segundo Santos (2013), entre a esfera material, resultante do processo crescente de tecnificação do meio natural, e a esfera imaterial, composta pelos diferentes imaginários sociais que fazem-se sob certo território. Assim, a “tecnosfera” constituída pelos diferentes objetos materiais que fazem parte do todo relaciona-se com a Psicosfera marcada como sendo o “reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido [...] fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (SANTOS, 2017, p. 256). É importante entender que ambas as esferas são resultados do artifício, dessa forma, nas palavras de Santos (2013, p. 30) “subordinados à lei dos que impõe a mudança”.

Souza (2018) disserta sobre o conceito de Santos (2013), o autor entende que a Psicosfera está intimamente ligada ao período em que se expressa, uma vez que cada período é marcado por características, materiais e imateriais, próprias. Souza (2018) entende que

---

<sup>1</sup>Agradece-se às professoras, Dra. Helena Copetti Callai e Dra. Adriana Maria Andreis que ministraram o componente curricular cujo este trabalho é resultado. Também à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Santa Catarina, por contribuição em forma de bolsa de mestrado por possibilitar esse e outros trabalhos.

[...] a psicosfera existe a partir de uma relação inseparável com conjunto de objetos técnicos que são integralmente articulados entre si (enquanto um sistema). A psicosfera também está diretamente ligada com o período de sua constituição, correspondendo ao conjunto sistêmico de objetos e ações de cada momento histórico. Cada período carrega consigo as suas especificidades e particularidades que podem ser expressas pelo surgimento de uma família de objetos técnicos que necessitam de um gama de regras, intenções, valores, ou seja, de uma racionalidade que é de fundamental importância para dotar a materialidade com um sentido filosófico. A cada nova fase do capitalismo um novo conjunto de ações e objetos emergem, e assim uma nova tecnosfera e psicosfera surgem para atender demandas precisas (SOUZA, 2018, p. 19).

Doren Massey (2017) faz referência a outro conceito, que pode ser relacionado com o pensamento de Milton Santos. A autora introduz o conceito de “Imaginação Geográfica”, entendida como a forma de imaginar o espaço geográfico, na qual, “Todos nós operamos o tempo todo, [...] como membros públicos ou cidadãos, com a imaginação de como o mundo está organizado, ou como pode ser organizado em um futuro melhor” (MASSEY 2017, p. 37). Nesse sentido, Massey (2017) entende que é papel do geógrafo questionar e evidenciar essas imaginações geográficas e indagar de onde elas surgem.

Entende-se, com base em Santos e Silveira (2016), como o atual período técnico científico-informacional é marcado pela globalização, na qual diferentes agentes econômicos globais condicionam os territórios a atenderem suas demandas. E, também, com base em Corrêa (1992), como as corporações a fim de manter gestão de seus territórios e regiões de atuação realizam diferentes práticas espaciais produtivas para que esses subespaços garantam a criação de manutenção do capital e de reprodução de suas condições de produção. Assim, pergunta-se como esses agentes econômicos auxiliam na estruturação dessas psicosferas ou imaginações geográficas.

Assim, entre as práticas espaciais, explicadas por Corrêa (1992), está a que o autor chamou de “reprodução da região produtora” compreendida como os diferentes meios, inclusive informacionais, que esses grandes agentes econômicos usam para que a região continue a produzir o que demandam. Também Kahil (2010) entende que, entre essas estratégias corporativas que buscam o uso eficaz do território e a instituição de regiões produtivas, ocorre a criação de tecnosferas e psicosferas a fim de provocar a consolidação de uma organização territorial necessária para a reprodução do capital e da região produtiva. Sobre isso, a autora disserta,

Entre as estratégias das corporações empresariais para uso eficaz do território como recurso, a promoção de políticas territoriais de

desconcentração, especializações produtivas regionais, arranjos produtivos locais, são políticas muito representativas da parcialidade do sistemas de ações globais. Toda essa orquestração (toda administração). Bem sucedida entre corporações privadas e de poder público resultam de um labor intelectual precedente de criação de uma tecnosfera [...] generosamente financiados pelo estado, e da criação de uma psicosfera, em que o novo, o moderno, a ideia de crescimento e desenvolvimento são perversamente realizados a força perlocucionária de enunciados que prometem competitividade, fluidez, gestão eficaz, conexão ao mundo das redes, etc. (KAHIL, 2010, p. 481).

Dessa maneira, pelo fato de o uso do território ser marcado por uma esfera técnica e uma esfera das ações, indaga-se acerca de como esse uso corporativo do território induz à criação de imaginações geográficas que garantem ou auxiliam a reprodução do agronegócio em regiões produtivas.

### **A globalização como fábula e a psicosfera do agronegócio**

Indissociavelmente, sistemas de objetos naturais ou artificiais e sistemas de ações são perversamente usados e dispostos a serviço da manutenção e atualização do poder econômico e político das poucas e grandes corporações e instituições mundiais (Samira Peduti Kahil, 2010, p. 482).

O processo de globalização, em concordância com Santos (2010) é marcado por três mundos em um só. O primeiro, mundo como fábula, o segundo, mundo como perversidade e o terceiro, mundo como uma outra possibilidade de globalização. Esse primeiro mundo apresenta-se de modo fabuloso, constituindo verdadeiras fábulas apoiadas em discursos únicos como o de aldeia global, isso se dá alicerçado em diferentes aparatos, entre eles o imperativo da informação e do dinheiro, no qual através dessa informação transmitida a população por parte de um “punhado de atores em funções de seus objetivos particulares” (SANTOS, 2010, p. 390) se reproduz a globalização.

Esse imperativo e essa onipresença da informação são indícios, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer. Este é o trabalho da publicidade. Se a informação tem, hoje, essas duas caras, a cara de convencer se torna muito mais presente, na medida em que a publicidade se torna em algo que antecipa a produção. Brigando pela sobrevivência e hegemonia, em função da competitividade, as empresas não podem existir sem publicidade, que se tornou o nervo do comércio (SANTOS, 2010, p. 390).

Nesse sentido, esses grandes agentes econômicos, através da atuação da informação para convencer, pela publicidade, garantem a sobrevivência de seus interesses. Dessa forma,

levanta-se o questionamento já apresentado nas seções anteriores, como se dá a atuação desses agentes na constituição de uma psicosfera em torno do agronegócio nos subespaços do território nacional?

Pensando em um exemplo já estudado, usa-se a pesquisa de Souza (2018), a qual procurou compreender como se dá a instituição de uma Psicosfera em torno do agronegócio na região do Matopiba (composta por porções dos Estados do Piauí, Tocantins, Bahia e Maranhão). Souza (2018, p. 31) observa como ocorre uma procura dos agentes hegemônicos do agronegócio, entendendo esses como o Estado e o Mercado, na construção de um discurso único no qual a expansão do agronegócio e a ampliação da produção de commodities encontram-se como sendo as únicas possibilidades de desenvolvimento.

O autor explica como a criação desse discurso único tem como objetivo a construção de uma “vocação natural” desses países, como o Brasil, e essas regiões como a do Matopiba, na produção voltada ao agronegócio exportador.

Assim, a formação de discursos, de uma psicosfera, de desenvolvimento econômico a partir da produção de commodities torna-se elemento que viabiliza e legitima o avanço do agronegócio na região do MATOPIBA. Configura-se, portanto, na busca da inserção no lugar de uma racionalidade vinculada com as dinâmicas econômicas e políticas da globalização, que em muitas vezes divergem com as necessidades das populações que historicamente vivem nos cerrados (SOUZA, 2018. p. 32).

Dessa forma, Souza (2018, p. 32) compreende como a constituição dessa psicosfera do agronegócio se torna uma ferramenta importante na consolidação do uso corporativo das regiões, intervindo no cotidiano das populações e influenciando o dinamismo do território.

A constituição de uma psicosfera torna-se uma ferramenta de atuação política das corporações, que acaba intervindo no cotidiano da população local e produz um ambiente disciplinado e obediente aos seus interesses. Portanto, as corporações influenciam na dinâmica do território a partir da elaboração de um novo conjunto de valores, práticas, e ações que propiciam maior competitividade regional (SOUZA, 2018, p. 32).

### **Breves reflexões sobre educação geográfica como um meio para elucidação das fabulações**

“Podemos pensar na construção de um outro mundo mediante uma globalização mais humana. as bases materiais do período atual são entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa [...] Mas, essas mesmas bases

técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos” (Milton Santos, 2010, p. 20).

Assim como expresso na introdução deste ensaio, procura-se realizar algumas reflexões sobre como a Educação Geográfica pode ser uma possibilidade na compreensão e evidência em torno dessas diferentes imaginações geográficas constituídas por esses usos corporativos do território.

Tal objetivo se pretende realizar, tomando como ponto de partida as questões de Massey (2017) quando ela disserta sobre como é função do geógrafo questionar a origem dessas imaginações geográficas, e complementa informando-nos como é papel do professor de Geografia a submissão dessas imaginações a questionamentos.

Nós também podemos examinar como tais imaginações são produzidas, seja através dos nexos de poderosos conglomerados de mídia internacionais ou do imaginário persistente e implantado em conversas locais (“essa rua não é muito boa, não é tão segura quanto a nossa”). E podemos explorar, também, como tais imaginações têm efeitos poderosos sobre as nossas atitudes para com o mundo e sobre o nosso comportamento. **Um das nossas (muitas) habilidades como professores de Geografia é de mostrar a irrelevância dessas imaginações e submetê-las a interrogatório** (MASSEY, 2017, p. 37, grifo nosso).

Além disso, a autora compreende como em muitos casos tais imaginações geográficas são contraditórias, sendo assim papel da educação questionar tais contradições.

Assim, a educação geográfica surge como um meio no qual pode ser possível questionar e problematizar as diferentes fabulações em torno do discurso propagado por diferentes agentes do agronegócio. A esse respeito, Callai e Moraes dissertam como “A educação geográfica pode ser o caminho para educar para a cidadania” (2017), e mais, Callai (2013, p. 44) entende que “a educação geográfica considera importante conhecer o mundo e obter e organizar os conhecimentos para entender a lógica do que acontece”.

Isso se torna importante dado o papel que o conhecimento geográfico realiza para a formação cidadã, sendo um meio através de seus conceitos, que auxiliam na leitura, significação e interpretação da realidade do mundo (DEÓN; CALLAI, 2018, p. 278-279). Além disso, os autores compreendem como no atual período “[...] marcado pelo processo de globalização, no qual as informações chegam de uma maneira muito rápida, aprender Geografia para compreender o mundo em que vivemos é essencial” (DEÓN e CALLAI, 2018, p. 280).

Desse modo, a educação geográfica para cidadania necessita de uma base conceitual e da compreensão das diferentes conexões entre o global e o local, na qual possibilitam aos



educandos/cidadãos a leitura do mundo. Deón e Callai (2018, p. 286) entendem como a educação geográfica para formação cidadã, potencializa a construção de uma sociedade justa e igualitária, possibilitando aos alunos conhecimentos teóricos a fim de enfrentar as distintas exigências globais e melhorar suas condições sociais, contribuindo para a construção de um outro mundo possível, ou, nas palavras de Milton Santos (2010), de uma outra globalização.

### Considerações finais

Assim como Santos (1998) explica, uma das formas de se compreender as diferentes dinâmicas do espaço geográfico se dá pelo entendimento dos diferentes “Usos do Território”, e, nesse processo, procurar entender como os diferentes agentes econômicos que compõem o espaço geográfico usam o território se torna tarefa importante. Também é significativo entender, com base no pensamento de Milton Santos (2017), como o espaço geográfico é constituído pela união de sistemas de objetos e sistemas de ações, por uma esfera material e uma imaterial: a tecnosfera e a psicosfera.

Percebe-se com base nos autores apresentados durante o texto, como alguns agentes econômicos condicionam o território a atenderem suas demandas e, nesse processo, a criação de verdadeiras psicosferas nas quais o agronegócio surge como um dos principais meios para o desenvolvimento. Tais psicosferas são oriundas, entre outras coisas, do processo publicitário dessas corporações e fomentam a criação de imaginários sociais em torno da temática.

Nesse sentido, faz-se uma reflexão acerca de como a Educação Geográfica pode ser um meio para a compreensão e colocação desses imaginários sociais em interrogatório, questionando a origem e os impactos desses no cotidiano da população local. Essa reflexão se justifica uma vez que, parafraseando Mario Osório Marques (2011, p. 1) “O momento histórico que hoje vivemos necessita de novos atores sociais capazes de pensar para além do já pensado e competentes para se orientar no emaranhado do contexto globalizado de uma política econômica que seja de integração, não de exclusão social” implicando assim no respeito a diversidade cultural, e em uma educação emancipatória e crítica, anunciando novos agentes e movimentos sociais que atuam na construção de outras conjunturas (MARQUES, 2011).

### Referências

CALLAI, Helena Coppeti. *A formação do profissional da geografia: o professor*. Ijuí: Edunijuí, 2013. 168 p.

CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria de. Educação geográfica, cidadania e cidade. *Acta Geográfica*, Boa vista, Edição especial, p. 82-100, 2017. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4771/0> Acesso em: 21 mai. 2023

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas. *Revista Nera*, Presidente Prudente, n. 14, p. 112-124, 2012. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1384> Acesso em: 1 jun. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. *Anuário do Instituto de Geociências*, v. 15, p. 35-41, 1992. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/593>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. A educação escolar e a geografia como possibilidades de formação para a cidadania. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 33, n. 104, p. 264-290, 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/17a6/2e8f2dc5a0e01b3a52b4a860c4df223e2e58.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ELIAS, Denise. Agronegócio globalizado, uso corporativo do território, pobreza e desigualdades socioespaciais no Brasil. In: ARROYO, Mónica; SILVA, Adriana M. Bernardes (org.). *Instabilidade dos territórios: por uma leitura crítica da conjuntura a partir de Milton Santos*. São Paulo: FFLCH/USP, 2022. p. 113-135.

KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 22, p. 475-485, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/wQHxbKCXRRmCRVxYLzbXK6p/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. *GEOgraphia*, Niterói, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798>. Acesso em: 21 jun. 2023.

MARQUES, Mario Osorio. Apresentação-educação, conjuntura e política. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 16, n. 63, p. 5-6, 2001. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/issue/view/88>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção*. 4. ed. 9. reimpr. São Paulo: Edusp, 2017. 384 p.

SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. *Terra Livre*, n. 5, 1988.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 19. ed. São Paulo: Record, 2016. 475 p.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). *Território: globalização e fragmentação*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. Cap. 1. p. 15-20.

SILVEIRA, Maria Laura. O território em pedaços. *ComCiência*, Campinas, n. 133, 2011. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542011000900007&lng=e&tlng=p](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000900007&lng=e&tlng=p) Acesso em: 21 jun. 2023.

SOUZA, Glaycon Vinícios Antunes. Agronegócio, cotidiano e a elaboração de uma psicofera modernizadora na região do MATOPIBA. *Acta Geográfica*, Boa Vista, v. 12, n. 30, p. 16-34, set./dez., 2018. Disponível em: Agronegócio, cotidiano e a elaboração de uma Psicofera modernizadora na região do MATOPIBA | acta geográfica (ufr.br) Acesso em: 21 jun. 2023.

---

Tiago Wilian Rocha Dalmora

Graduado em Geografia (licenciatura) pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS-Chapecó), Especialista em Docência em Geografia e Práticas Pedagógicas pela Faculdade Única de Ipatinga, Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGGEO-UFFS-Chapecó e Erechim). Professor da rede estadual de ensino do Estado de Santa Catarina. Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FAPESC)  
Endereço profissional: Rodovia SC 484 – Km 02, Fronteira Sul, Chapecó SC, CEP 89815-899.  
E-mail: tiagowiliamrochadalmora@gmail.com

---

Recebido para publicação em 05 de outubro de 2023.  
Aprovado para publicação em 01 de novembro de 2023.  
Publicado em 03 de novembro de 2023.